Isabel Hernández, *Literatura suíza en lengua alemana*, Síntesis, Madrid, 2007, 391 pp.

>>

Gonçalo Vilas-Boas

O ano de 2007 foi profícuo no que diz respeito a histórias da literatura suíça de expressão alemã: foi reeditada, em 2ª edição, a *Schweizer Literaturgeschichte - Die deutschsprachige Literatur im 20. Jahrhundert*, de Klaus Pezold, e saiu, na prestigiada editora alemã Metzler, a *Schweizer Literaturgeschichte* de Peter Rusterholz e Andreas Solbach, focando a literatura desde a Idade Média e incluindo capítulos sobre as outras literaturas produzidas na Suíça, nomeadamente a de língua francesa, italiana e romanche.

Em Espanha foi publicada uma outra, *Literatura suíza en lengua alemana*, por Isabel Hernández, professora no Departamento de Germanística da Universidade Complutense de Madrid, que será aqui apresentada.

Trata-se de um volume onde a autora consegue apresentar muita informação desde os tempos medievais até ao século XXI. Em 391 páginas, o leitor encontra muitos elementos de que precisa: além da história literária propriamente dita, está incluída uma antologia de 60 páginas, com 46 textos de autores que foram alvo de apresentação no corpo do texto, da Idade Média até hoje (o primeiro texto data de ca. 1410, o último de 2001). O volume termina com uma apresentação tabelar em 11 páginas com informações sobre "Política e sociedade", "Arte, ciência e cultura" e "Literatura" na Europa e no resto do mundo. É pena que o volume não tenha um índice onomástico remissivo, o que poderia facilitar a consulta.

Uma história literária com carácter de divulgação não poderia

aprofundar os tópicos abordados. A estratégia escolhida parece-me funcionar bem: o livro trata dos escritores principais, não faltando nenhum dos chamados canónicos e opta por desenvolver de modo mais pormenorizado alguns dos autores mais importantes e que, simultaneamente, correspondem aos gostos da autora. Uma história da literatura implica selecções, opções, e estas são sempre subjectivas. O livro ganha com estas opções pessoais.

A autora inicia o volume com um pequeno capítulo, "La Confederación Helvética: presupuestos históricos y culturales", onde aborda sucintamente a questão linguística e as consequências do plurilinguismo na história e na cultura helvéticas. Estas informações são essenciais para se compreender a literatura dum país onde se escreve numa língua que não é propriamente a sua, mas a dos países vizinhos (alemão, francês e italiano), se exceptuarmos uma pequena minoria de fala romanche. A autora começa aliás todos os capítulos com algumas páginas sobre os contextos históricos e culturais, o que permite um melhor enquadramento daquilo que se está a ler.

O segundo capítulo abrange o período entre a Idade Média e o Iluminismo. A Suíça só começou a formar-se em 1291, tendo a consolidação do país demorado uns séculos até às suas actuais fronteiras e divisão em cantões. Mas no território que viria a ser a Confederação Helvética havia uma intensa produção cultural ligada essencialmente aos mosteiros, sobretudo o de St. Gallen, pelo que a autora opta por falar, talvez com demasiado pormenor, de autores anteriores ao início da formação do país. Esta opção é contudo defensável, se tivermos em conta que, literariamente, 1291 não representou nenhuma cesura. Até ao Iluminismo a actividade literária não produziu autores de renome, mas não deixa de ser interessante seguir o conflito interreligioso naquele território através dos escritos da época. O primeiro escritor suíço que atingiu importância para além das fronteiras nacionais foi Albrecht von Haller, autor do poema *Die Alpen* [Os Alpes], a quem Hernández dedica o espaço necessário, além de o incluir na antologia. A Suíça e especialmente Zurique foram importantes na cultura de expressão alemã, não tanto pela excelência dos textos literários produzidos, mas pelos contributos teóricos. Lembremo-nos de Bodmer e de Breitinger, com as teorias sobre a imaginação, mas também pela importância dada à literatura medieval. Lavater, com as teorias sobre a fisionomia, e Pestalozzi, conhecido escritor e pedagogo, são também nomes a reter. Como não poderia deixar de ser, é igualmente referido Samuel Gessner e os seus idílios, que foram objecto de ampla recepção na Europa (incluindo em Portugal).

Com o 3º capítulo entra-se numa época áurea da literatura suíça, ainda que só sobressaiam três nomes, a quem a autora dedica um grande espaço: Jeremias Gotthelf, representante da estética *Biedermeier*, o realista Gottfried Keller, conhecido pela apresentação que faz da burguesia liberal e Conrad Ferdinand Meyer, o realista que procura no passado histórico os seus modelos. Entramos, com o 4º capítulo, no final do século XIX e no início do XX. Surge então um outro tipo de literatura, que foi muito influente: a literatura regional, a chamada *Heimatliteratur*, uma literatura essencialmente campestre, crítica da nova civilização, o que mostrado através da oposição campo (sobretudo montanha) e a cidade. O nome mais conhecido foi o de Johanna Spyri, a criadora da figura de Heidi. Deste período a autora salienta dois escritores: Carl Spitteler e Robert Walser. O primeiro é um desses autores que receberam o Prémio Nobel, mas que já quase ninguém conhece e lê. O seu romance *Imago* não deixa de merecer a atenção, sobretudo pela temática do artista que regressa à Suíça, não se conseguindo reintegrar. Este é, aliás, um tema recorrente na literatura suíça: a partida e o regresso ao país, o confronto com o Outro, o vasto e o estreito, como se verá nos capítulos que se seguem, nomeadamente com a discussão em torno de conceitos como "Diskurs in der Enge" [Discurso na estreiteza], termo cunhado por Paul Nizon, ou "Unbehagen im Kleinstaat" [Mal-estar no pequeno estado], nos termos de Karl Schmid. Robert Walser, pelo contrário, é um dos escritores retirados do esquecimento. Autor de alguns romances, mas sobretudo de pequenos textos escritos para os jornais, é hoje um dos autores suíços mais traduzidos e talvez o que mais influência tenha exercido na literatura helvética depois dos anos 70, década da sua redescoberta.

Os 5º e 6º capítulos são dedicados ao período entre as duas grandes guerras. Dos anos vinte, Hernández salienta Friedrich Glauser, o primeiro escritor de literatura policial, que irá ser de grande importância para o romance policial helvético, caracterizado essencialmente pelo lado psicológico das vítimas, dos assassinos e dos inquiridores, como a autora irá exemplificar ao longo do capítulo 8º. Como a Suíça se queria demarcar do regime nacional-socialista em vigor na Alemanha, pôs-se em prática uma política denominada "Defesa espiritual do país", levando (ou obrigando!) os autores a defenderem os velhos valores helvéticos. Os escritores críticos viram-se perante muitas dificuldades no seu próprio país. Albin Zollinger e Ludwig Hohl são dois dos autores referidos, mas também Annemarie Schwarzenbach, redescoberta nos anos 80.

O 7º capítulo é dedicado aos anos do pós-guerra, dominado de

tal maneira por dois vultos, que ocultaram muitos outros. A esses grandes escritores, Max Frisch e Friedrich Dürrenmatt, a autora dedica mais de 40 páginas. Tal como em capítulos anteriores, são apresentadas as obras principais, salientando alguns romances e peças de teatro. Frisch é, aliás, o autor que mais espaço ocupa em todo o volume. Dele se refere essencialmente a temática da identidade e a dificuldade do homem inserido na sociedade, que tem de utilizar diferentes máscaras em diferentes biografias. De Dürrenmatt é salientado o seu interesse pelo mundo mitológico, nomeadamente o Labirinto, o Minotauro, Atlas, Sísifo, mas também pelo mundo da ciência. Dürrenmatt acredita na força do acaso, o que impossibilita uma evolução histórica ordenada segundo princípios ideológicos.

O 8º capítulo é dedicado à geração de sessenta e à renovação da prosa. Apresenta-se o grande conflito entre escritores, marcado pela disputa de Zurique entre um decano da crítica, Emil Staiger e a nova geração de escritores. Hernández refere a busca de novas formas, mas também o aparecimento da literatura escrita por mulheres, facto tardio face ao que se passava nos outros países de expressão alemã. Se na década de cinquenta e um pouco na de sessenta, a Suíça e a questão identitária eram tema importante, a partir da década de setenta deixa de o ser, centrando-se a atenção dos escritores na região onde inserem as acções dos seus textos. A maioria dos autores contemporâneos interessa-se mais pelo Eu, pelos contextos imediatos, pelas dificuldades e problemas que têm de enfrentar. São referidos muitos escritores, a quem raramente é dedicado mais do que uma página, exceptuando Adolf Muschg, um escritor que a autora muito aprecia e sobre quem já publicou um livro. Quanto à literatura das últimas décadas a tarefa é sempre mais complicada, pois falta a distância para se poder sintetizar a produção literária. Assim, são referidos nomes de autores, obras e tendências que orientam minimamente o leitor com informações sobre uma literatura rica e muitas vezes injustamente esquecida.

Trata-se, assim, de um óptimo instrumento de trabalho de agradável leitura, quer para estudantes, quer para um público curioso do fenómeno literário em língua alemã. A vantagem do livro é, como referi, a possibilidade de simultaneamente se seguir a história do país e de se ler textos, que ilustram a grande diversidade da produção literária suíça. É um livro que desperta a curiosidade para a descoberta de autores e obras. O leitor não terá grande dificuldade em navegar nesta obra e tirar bom partido da sua leitura.